

Sobre Octavio Paz – vida e obra

Resumo

O artigo destaca a relação entre a biografia e a obra de três autores – Octavio Paz, Hannah Arendt e Norberto Bobbio. Aborda no caso de Octavio Paz sua inserção na realidade mexicana e na tradição poética moderna. O texto reconstitui a incorporação da obra de Paz no contexto brasileiro, com base na experiência do próprio autor.

Palavras-chave: Octavio Paz; Norberto Bobbio; Hannah Arendt; biografia; realidade mexicana; história contemporânea; filosofia política.

Abstrac

The article highlights the relationship between the biography and the work of three authors – Octavio Paz, Hannah Arendt and Norberto Bobbio. Addresses in the case of Octavio Paz its insertion into the Mexican reality and into the modern poetic tradition. The text reconstructs the emergence of Paz work in the Brazilian context, based on the author's own experience.

Key-words: Octavio Paz; Norberto Bobbio; Hannah Arendt; biography; Mexican reality; Contemporary history; political philosophy.

Existem pensadores e escritores cuja vida intelectual e criativa nos fascina, mas cuja existência não suscita maior interesse. É o caso, penso eu, de Kant e talvez de Fernando Pessoa, cuja obra é sua biografia, como sugere Octavio Paz (Fernando Pessoa, *El desconocido de si mismo, Excursiones/IncurSIONES – Dominio Extranjero*, México, Fondo de Cultura Económica, 1991, p. 150). Existem, por outro lado, escritores cuja vida, na sua especificidade própria, é tão significativa quanto a sua obra. Malraux é disso um bom exemplo. Existem

* Professor da Faculdade de Direito da USP e membro da ABL.

também autores para os quais as experiências no mundo da vida – na *Lebenswelt* de que falava Husserl – foram poderosos estímulos da sua criação e reflexão. Por essa razão o conhecimento de suas vidas contribui para o entendimento das suas obras. É o caso de Hannah Arendt, de Norberto Bobbio e de Octavio Paz, três grandes referências do meu percurso, que tive o privilégio de conhecer e com os quais tanto aprendi e continuo aprendendo.

Todos os três integram uma mesma geração – nasceram, respectivamente, em 1906 (Hannah Arendt), 1909 (Norberto Bobbio), 1914 (Octavio Paz). Por isso têm, independentemente de suas diferenças de origem, identidade intelectual, formação e atuação profissional, como diria Ortega y Gasset, uma sensibilidade vital compartilhada que provém de terem vivido com intensidade as vicissitudes de uma era de extremos como foi o século XX. Daí a ideia de elaborar esta exposição em torno do potencial de sugestividade de vidas e obras paralelas.

O impacto dos extremos do século XX provoca os sentimentos ambivalentes de *amor y aversión, fascinación y asco*. São essas as palavras de Octavio Paz ao comentar o pano de fundo histórico das obras de arte moderna sobre as quais se debruçou no prólogo a *Los privilegios a la vista I – Arte Moderno Universal* (Obras Completas, vol. 6, México, Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 23), e que ajudam a explicar porque todos os três – Arendt, Bobbio e Paz – trataram do tema do Mal.

Na lida criativa-reflexiva com esses sentimentos, vida e obra destas três grandes figuras intelectuais do século XX se conjugam numa dialética de mútua complementaridade, ensejando afinidades – uma das mais significativas é a defesa da liberdade e a outra é o empenho e a capacidade de pensar pela própria cabeça, sem temor dos patrulhamentos ideológicos. Isto, não obstante as óbvias diferenças de campo temático que separam a obra de dois grandes pensadores da política como foram Hannah Arendt e Norberto Bobbio, da de um grande poeta e criativo pensador, como foi Octavio Paz.

Este, cedo compreendeu, na condição de Poeta, como disse ao receber, em 1989 o Prêmio Tocqueville, que a defesa da poesia é inseparável da defesa da liberdade (*Poesia, mito y revolución, La Casa de la Presencia – Poesia y Historia, Obras Completas*, vol. 1, México, Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 522). Também apontou na Conferência de 1991, em Sevilha, sobre a democracia, que não era historiador, sociólogo ou politólogo, mas sim um Poeta e que seus escritos em prosa estavam estreitamente associados à sua vocação literária e suas afinidades artísticas. Não obstante, escreveu muito sobre política observando que seus textos sobre política foram instigados pelos

acontecimentos e que são momentos de um combate, testemunho de uma paixão: a da liberdade (*La democracia: lo absoluto y lo relativo, Ideas y Costumbres I, La Letra y el Cetro, Obras Completas*, vol. 9, México, Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 473). Esta paixão ele afirmava como poeta e pensador, com a valentia do espírito e a intrepidez do olhar, que são uma expressão da sua capacidade de, com independência, pensar pela sua própria cabeça.

Hannah Arendt, por conta do impacto das rupturas que, no século XX levaram a um hiato entre o passado e o futuro, comprometeram a continuidade do fio condutor da tradição e tornaram os universais fugidios, conferiu grande valor epistemológico à experiência, observando: *My assumption is that thought itself arises out of incidents of living experience and must remain bound to them as the only guide-posts by which to take its bearings (Between Past and Future, new and enlarged edition, N. York, Viking Press, 1968, p. 14)*. Os *incidents of living experience*, de quem se viu na condição de uma refugiada – de uma *displaced person* – em função da ascensão do nazismo na Alemanha e do seu letal antissemitismo são um dado instigador de sua análise do totalitarismo e de sua reflexão sobre as possibilidades de um *amor mundi*. De maneira similar, a contraposição de Bobbio à experiência vivida do fascismo italiano dos seus anos de formação é um dado instigador da sua obra e da sua militância política. Estas têm como fio condutor, na Itália do pós-guerra, a busca de alternativas à fúria dos extremos que o fascismo emblematizou e aos riscos de seus desdobramentos na política, no direito e na cultura. Daí um potencial de afinidades na obra dos dois como já tive a oportunidade de examinar (cf. Celso Lafer, Hannah Arendt e Norberto Bobbio – uma proposta de aproximação, in Adriano Correia, org. *Hannah Arendt e a Condição Humana*, Salvador, Quarteto, 2006, pp. 11-34).

Numa outra chave, Eduardo Jardim, com conhecimento de causa e sutileza analítica, explorou o potencial de diálogo entre Hannah Arendt e Octavio Paz, como pensadores da crise da era dos extremos e de um novo início, no seu livro *A Duas Vozes – Hannah Arendt e Octavio Paz* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007). Nele explora a interação entre a literatura e a política e sugere que, no trato da modernidade, o vigor crítico que os caracterizou pode ter sido instigado pela experiência existencial de terem estado ao mesmo tempo inseridos e à margem de um núcleo político-cultural dominante. O contexto periférico de Hannah Arendt foi dado pela vivência da condição judaica no século XX. O de Octavio Paz pela condição latino-americana e também, realço, pela posição de poeta que se confronta com a cisão entre as palavras e as coisas no mundo moderno e que, na sua experiência na

Lebenswelt, verifica que a sua palavra viva não coincide com a palavra vivida pela sociedade. Daí um tema recorrente da sua reflexão sobre a poesia, dada pela dicotomia *poesia de soledad y poesia de comuni6n* (cf. Prólogo a *La Casa de la Presencia, Poesia e Hist6ria, Obras Completas*, vol. I, México, Fondo de Cultura Econ6mica, 1994, pp. 21-22).

Registro que em meu artigo sobre *A Duas Vozes – Hannah Arendt e Octavio Paz* de Eduardo Jardim, observei que a plausibilidade de conjectura de um diálogo entre os dois, tal como ele elaborou em seu livro, tem a sustentá-la uma carta que Octavio Paz me enviou em 12 de fevereiro de 1972. Nesta carta, que tem como contexto um ensaio sobre Hannah Arendt que encaminhei para publicação em *Plural* ele escreveu: “... *conocí en New York, hace unas semanas, a Hannah Arendt y me encantó su vitalidad como antes me habia conquistado, al leerla su inteligencia y su rectitud filosofica. Me da mucho gusto publicar su ensayo sobre ella.*” (Celso Lafer, Uma aproximação pertinente, *Revista USP* 76 (dezembro/ janeiro/ fevereiro 2007-2008, pp. 168-171).

Hannah Arendt e Norberto Bobbio são europeus e os seus pontos de partida têm a sua raiz na força dos desastres europeus e de suas consequências para o mundo. Hannah Arendt é um exemplo da situação-limite gerada pela era dos extremos, que fez com que os acontecimentos políticos determinassem o seu destino. Por isso escreveu a maior parte da sua obra nos Estados Unidos, país do qual se tornou cidadã, e em inglês, que não era sua língua materna – o alemão, que perdurou, na sua própria avaliação, como parte constitutiva do legado da sua formação germânica. Neste contexto, apesar de ter sido, em vida, personalidade reconhecida nos meios intelectuais, sempre teve algo de uma “outsider”. Para isso contribuiu a sua obra que, desde sempre, desbordou das usuais classificações (esquerda/direita, libertária/conservadora, etc.) como também não se ajustava facilmente no âmbito das tradicionais disciplinas acadêmicas (Teoria Política, Filosofia, História, etc.). Como ela mesma disse no Simpósio de Toronto de 1972 a ela dedicado, “*I somehow don’t fit*” (*Hannah Arendt: The Recovery of the Public World*, ed. By Melvyn A. Hill, N. York, St. Martin’s Press, 1979, p. 336).

Bobbio não enfrentou uma situação-limite como a vivida por Hannah Arendt, embora tenha passado pela experiência reveladora da resistência que marcou os intelectuais europeus de sua geração e cujo significado a própria Hannah Arendt destacou no prefácio a *Between Past and Future*. Pode escrever, no pós-Segunda Guerra Mundial, a sua obra e atuar como militante na sua oposição à fúria dos extremos no seu admirável italiano, sem rupturas com a tradição do Piemonte e com o que representou, no cenário do seu país, a sua

Italia Civile. Foi um grande professor da Universidade de Turim, na qual se formou, e o seu espírito crítico que o tornou, remando contra a maré do conformismo, a consciência civil do seu país, teve um reconhecimento inclusive institucional com sua indicação e nomeação como *Senatore a vita*.

O ponto de partida de Octavio Paz é muito distinto: é mexicano, com tudo que isso significa na sua obra e na sua percepção originária das coisas e dos seres humanos, inclusive a das singularidades de contraposição e atração em relação aos Estados Unidos, dadas pela relação de vizinhança. O México é um tema recorrente na sua obra, assim como a Itália é um tema recorrente na obra de Bobbio. Como diz Octavio Paz na *Entrada Retrospectiva* de *El Peregrino en su Patria – Historia y Política de México*, este livro, que reúne os seus textos sobre História e Política do México, diz respeito às vicissitudes mentais e afetivas *de la relación, no siempre feliz, de un escritor con su patria*. São um diário de uma peregrinação *en busca de qué o de quién? En busca de México o de mí mismo? Talvez de un lugar en México: o del lugar en mí de México? (El Peregrino en su Patria, Historia y Política de México, Obras Completas, vol. 8, México, Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 16)*.

Esta peregrinação não é uma peregrinação fechada sobre si mesmo; não é a expressão de um zelo nacionalista. Pensa num movimento dialógico entre o nacional e o universal, a “diferença”, levando em conta que este diálogo não pode ser a simples repetição do repertório universal, porque nesta situação o diálogo se petrifica e deve ser crítico no trato da diferença, pois sem crítica o diálogo se imobiliza. É por isso que a obra de Octavio Paz, como poeta e ensaísta se opõe aos riscos da petrificação e da imobilização.

É por essa razão que *El Labirinto de la soledad* obra maior do ensaísmo latino-americano, e é ao mesmo tempo uma deslumbrante análise do sentido das singularidades mexicanas – do seu “aberto” e do seu “fechado”, e uma relevante reflexão crítica sobre a modernidade, pois a dicotomia *soledad/comunión* da sua reflexão sobre a poesia aponta para a dicotomia *soledad/modernidad* como observou Enrico Mario Santi (cf. *El Acto de las Palabras – Estudios y Diálogos con Octavio Paz*, México, Fondo de Cultura Económica, 1997, p. 145).

Octavio Paz teve a capacidade de superar os riscos do imobilismo e da petrificação das máscaras não só porque, como escritor mexicano, tinha amplo domínio do repertório universal, mas teve uma experiência do mundo, das *Conjunciones y Disjunciones*, das relações de afinidades e oposições que permeiam distintas sociedades. Além do mais, para voltar ao tema da sensibilidade compartilhada em relação à era dos extremos que o aproxima de Hannah Arendt e Norberto Bobbio, como disse em *Itinerário* “*Mi generación fue la*

*primera que en México vivió como propia la historia del mundo, especialmente la del movimiento comunista internacional” (Ideas y Costumbres I – La Letra y el Centro, Prólogo, Obras Completas, vol. 9, México, Fondo de Cultura Económica, 1995, p. 20). Para isso contribuiu, de maneira decisiva, o rito de passagem representado pela sua presença, em 1937, na Espanha da guerra civil, para a qual viajou aos 23 anos para participar do Congresso Internacional de escritores antifascistas, convidado por Pablo Neruda, Rafael Alberti e Arturo Serrano Plaja. É o que destaca com muita pertinência, dando conta do contexto, Danubio Torres Fierro no seu prólogo à antologia por ele organizada *Octavio Paz en España, 1937* (México, Fondo de Cultura Económica, 2007).*

Em *Itinerário*, seu texto de 1993, Octavio Paz parou para pensar e explorou, numa narrativa esclarecedora, de que modo os “incidentes” de sua *living experience* instigaram e marcaram o seu percurso, inclusive os que, além da realidade mexicana, levaram-no a inserir-se na história do mundo do século XX. Destaca, neste sentido, como a sua experiência na Espanha da guerra civil foi intensa e múltipla.

Observe, entre parênteses, que o curso de pós-graduação que fiz com Hannah Arendt em Cornell no semestre do outono de 1965, tratou das Experiências Políticas do século XX. Este curso, como já tive a oportunidade de descrever, tinha como objetivo traçar uma biografia imaginária de alguém que viveu “de dentro” algumas das experiências políticas decisivas do século XX, sem ser necessariamente um ator protagônico, e como foi reagindo e respondendo na época e subsequentemente na sua vida a estas experiências conformadoras da era dos extremos. Para Hannah Arendt, a Guerra Civil Espanhola foi uma das experiências políticas conformadoras do século XX e de suas rupturas. Daí a importância do parar para pensar inerente às narrativas desta *living experience* para a reflexão política (cf. Celso Lafer, Experiência, ação e narrativa: reflexões sobre um curso de Hannah Arendt, *Estudos Avançados* (21 (60), 2007, pp. 289-304).

O texto *Itinerário* de Octavio Paz, de 1993, tem estas características e narra como a sua experiência na Guerra Civil transitou pela aprendizagem da fraternidade, reconciliou-o com suas origens mediterrâneas, mostrou a dimensão de uma Espanha aberta ao exterior com um universalismo encarnado no movimento comunista, indicando, assim, que a tradição hispânica não era um obstáculo, mas sim um caminho para a modernidade. Viveu o conflito que se agravou com o tempo entre as suas ideias políticas e as suas convicções estéticas e poéticas, uma vez que, desde o princípio recusou-se, como intelectual, a aceitar a jurisdição do Partido Comunista em matéria de arte e política.

Deu-se conta de que o exercício da crítica requer tanta inteligência quanto rigor moral, e de que a crítica tem como missão extinguir as quimeras e os espelanismos das máscaras da mentira, tema recorrente, no século XX, dos infortúnios da relação entre o intelectual e a política. Sublinhou que o século XX tem como nota identificadora o de ser um tempo de consciência cindida, “de almas divididas em uma sociedade dividida” caracterizado igualmente pela proeminência esperançosa da ideia da Revolução, que foi uma desventura que ele sintetizou nos seguintes termos: *Una pasión generosa y un fanatismo criminal, una iluminación y una obscuridad* (Itinerário, *Ideas y Costumbres I – La Letra y el Cetro, Obras Completas* 9, cit. pp. 16 e 17).

A centralidade da Revolução como um componente da era dos extremos é parte da sensibilidade geracional compartilhada de Hannah Arendt, Norberto Bobbio e Octavio Paz. É por esse motivo que tanto Arendt quanto Bobbio muito escreveram sobre as esperanças e desventuras dos processos revolucionários na perspectiva, simplificando, de uma esquerda não comunista. O que os diferencia de Octavio Paz é que este tem como ponto de partida a Revolução Mexicana. O seu pai, quando ele era criança, *se había ido a la Revolución* e no seu poema *Canción Mexicana, de Ladera Este* recorda:

“*Mi padre, al tomar la copa,
Me hablaba de Zapata y de Villa,
Soto y Gama y los Flores Magón.
Y el mantel olía a pólvora*”

(Obra Poética I, 1935-1970, *Obras Completas*, vol. II, México, Fondo de Cultura Económica, 1996, p. 373)

A Revolução Mexicana, aponta Octavio Paz, mudou a História do México. Foi popular e instintiva. Não foi guiada por uma teoria de igualdade. Estava possuída pela paixão igualitária e comunitária. Logrou uma reconciliação do México moderno e do antigo. Foi feita pelo povo e não por teóricos e profissionais como em outras partes do mundo. Ajusta-se mais à velha noção de revolta que ao moderno conceito de revolução e foi uma tentativa de reunião de elementos dispersos – *soledad y comunión*. Este movimento iniciou-se em 1910 e se extinguiu por volta de 1930 com a afirmação do PRI.

O PRI, fundado por Calles e consolidado pelas reformas sucessivas de Cárdenas e Alemán, foi um partido *sui generis*. Embora inspirado pelos partidos

fascistas da Itália e comunista da Rússia, nunca teve, como estes, pretensões totalitárias. Resultou de um compromisso entre a democracia autêntica e a ditadura revolucionária, que evitou a guerra civil entre as facções revolucionárias e assegurou a estabilidade necessária para o desenvolvimento social e político. Foi um amálgama de políticos e tecnocratas (cf. Entrada Retrospectiva, *El Peregrino en su Patria, Historia y Política de México, Obras Completas*, vol. 8, cit. pp. 26-29).

É por essa razão que, embora tenha sido um crítico severo do esgotamento do modelo do PRI, da fadiga dos materiais do seu amálgama, o PRI tem méritos e especificidades próprias que não se confundem com as suas críticas às desventuras revolucionárias de consequências totalitárias que assinalaram os extremos do século XX – tema que compartilha com Hannah Arendt e Norberto Bobbio. É por esse motivo que foi também um analista sutil da literatura e das artes plásticas no México – inclusive os muralistas – que tiveram como estímulo a fermentação criativa induzida pela experiência da Revolução Mexicana e seus desdobramentos.

Sugeri até agora pontos em comum, assim como singularidades próprias da reflexão de Hannah Arendt, Norberto Bobbio e Octavio Paz que provêm das suas respectivas experiências vividas, instigadas pelos desafios do século XX. Dei destaque, ainda que não exclusivo, aos temas da política, o que é compreensível em função dos temas que venho tratando no meu percurso de intelectual. Quero finalizar explicitando o porque pessoal do impacto de Octavio Paz no meu caminho e as razões do como se converteu numa referência constitutiva da minha reflexão.

Conheci Octavio Paz na Universidade de Cornell, nos EUA, na qual foi professor-visitante em 1966. Tive o privilégio de ser seu aluno no curso que ofereceu no âmbito da Literatura Comparada sobre Teoria e Prática da poesia moderna, do simbolismo aos nossos dias. Tornei-me seu amigo e de Marie Jo. Para isso contribuiu a distância de Ithaca dos grandes centros, que facilitou uma convivência mais próxima, fora da sala de aula, e conversas sobre os temas do curso e tudo mais.

Esta convivência se deu num momento feliz de sua vida, logo após o seu casamento na Índia, onde ele era o Embaixador do México, com Marie Jô, em 22 de janeiro de 1966. Nela encontrou a companheira que alegrou a sua vida e, neste contexto, o semestre em Cornell é parte constitutiva dos seus anos de felicidade iniciados na Índia e que se caracterizaram por uma densa criatividade intelectual, como destaca o seu biógrafo Christopher Dominguez Michael (Christopher Dominguez Michael, *Octavio Paz dans son siècle*, Paris Gallimard, p. 203).

O curso foi um deslumbramento para quem, como eu, tinha interesses literários, passou pelo curso de Letras na USP e havia escrito sobre Camões e Gil Vicente. Octavio iluminou, no seu curso, o fenômeno poético, esclareceu o que significa a poesia de Nerval, de Baudelaire, de Lautréamont, o alcance de *Un Coup de Dés* de Mallarmé, articulou a paradoxal tradição da ruptura das sucessivas vanguardas, que depois elaborou em *Los hijos del limo*. Na moldura do seu tema recorrente do descompasso entre palavra viva e palavra vivida discutiu, na perspectiva de um poeta mexicano integrado na tradição literária ibero-americana, as correntes poéticas da modernidade e sua controvertida relação com o racionalismo e o progresso. Explorou o diálogo contraditório dos poetas com e contra as revoluções e as religiões. Chamou a atenção para as tentações políticas dos intelectuais.

O curso foi um deslumbramento único, porque muito mais que uma qualificada análise acadêmica de sua temática, foi a defesa da poesia e da presença poética por um grande poeta. Um poeta que dominava com igual maestria as linguagens distintas da poesia e da prosa e que foi um grande pensador na linha do que observou na sua conversa-entrevista com Enrico Mario Santi:

“Yo si creo que la poesia y el pensamiento viven en casas separadas pero contiguas. Hay siempre un pasadizo secreto y los buenos poetas frecuentan el pensamiento porque la buena poesia es lucidez y también los grandes filósofos se alimentan de poesia” (Conversar es humano entrevista a Enrico Mario Santi, Miscelanea III – Entrevistas, Obras Completas, vol. 15, México, Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 306).

A sua palavra ajustava-se ao movimento da criação e da crítica. *“La forma que se ajusta al movimiento/no es prisión sino piel del pensamiento”* (Retórica, *Obra Poética I – 1935-1975, Obras Completas 11*, México, Fondo de Cultura Económica, 1966, p. 58). Por isso sua obra foi, como avaliou Gabriel Garcia Marquez quando do seu falecimento *“un torrente de belleza, reflexión y análisis, que saturó de extremo a extremo el siglo XX”* (Vuelta, nº 259, junho de 1998, p. 45). Daí o reconhecimento geral exemplarmente representado pela outorga do Prêmio Nobel de Literatura, que foi superando a opacidade das desqualificações dos patrulhamentos ideológicos que enfrentou sem temor e com valentia.

O convívio em Cornell me deu acesso à densa criatividade da obra de Octavio na década de 1960, inclusive à que estava *in fieri*, abriu portas para o meu entendimento do México e ofereceu antecipados vislumbres da Índia e do Oriente. Daí o empenho em torná-lo conhecido no Brasil, em parceria,

que propicie, com Haroldo de Campos, que se tornou seu amigo, interlocutor e grande tradutor, e com o qual tinha tantas afinidades intelectuais. Esta empreitada, Haroldo e eu recordamos em inúmeras oportunidades (cf., por exemplo, Octavio Paz e Haroldo de Campos, *Transblanco*, 2ª ed., São Paulo, Siciliano, 1994, em especial, *Conversa Sobre Octavio Paz*, pp. 283-313).

Do período em Cornell quero destacar algumas leituras que tiveram um duradouro impacto na minha visão das coisas. Começo com o seu texto *Literatura de fundación* (Octavio Paz, *Fundación y disidencia – Dominio Hispanico, Obras Completas 3*, México, Fondo de Cultura Económica, 1994, pp. 43-48). Nele esclarece como a literatura mexicana, no âmbito da hispano-americana, assim como a literatura brasileira e também a norte-americana são, nas suas especificidades próprias, literaturas de fundação. Nasceram da expansão do universo cultural, linguístico e utópico da Europa a ela se contrapondo para, na lida com a realidade concreta das Américas, engendrar uma tradição própria, distinta das suas matrizes europeias. A leitura deste texto alargou a minha compreensão do significado da formação da literatura brasileira que, inspirada pelas lições do meu Mestre Antonio Candido, marcou a minha compreensão do papel mais abrangente das letras em nosso país e das suas características próprias.

Por conta do curso li, com encantamento, *El Arco y la Lira* na sua primeira edição de 1956 e *Los Signos en Rotación* na edição da SUR, que depois se tornou o epílogo da segunda edição de *El Arco y la Lira*. Do muito que se pode dizer das leituras desses textos, que continuam me impactando, destaco a sua afirmação de que o poeta no século XX, empenha-se em *Descubrir la imagen del mundo en lo que enxerga como fragmento y dispersión* (*Los Signos en Rotación, La Casa de la Presencia, Poesía y Historia, Obras Completas I*, México, Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 254). É o que Octavio fez, penso eu, por exemplo em *Blanco*. É como lidou na sua obra, na análise da vida internacional e das relações entre o “interno” e o “externo”. É o que caracteriza *Tiempo Nublado e Pequena Crónica de Grandes Días*. Estes dois livros têm pontos em comum com *Regards sur le monde actuel* de Valéry que pode ser considerado um texto inaugural da teoria das relações internacionais, escrito por um grande poeta-crítico. Dele, no entanto, se diferencia porque a perspectiva organizadora de Octavio é de um latino-americano que soube compreender com senso de realidade, entendendo e não classificando, as diferenças entre *Revuelta, Revolución, Rebelión*, como expôs em texto que li em Ithaca antes de ser incorporado à *Corriente Alterna*. No interrelacionamento destes três fenômenos, na sua análise da vida internacional, Octavio se beneficiou da experiência do Poeta, que tem a vocação da rebeldia e do conhecimento lastreado na sua sensibilidade da dimensão

da revolta da Revolução Mexicana. A isto incorporou o seu conhecimento “de dentro” e não “de fora” do Oriente, em especial da Índia, da China e do Japão e a sua experiência de diplomata que, na prática do ofício, lidou com a emergência na cena mundial do Terceiro Mundo.

Daí porque soube, em especial nestes dois livros, descobrir a imagem do mundo no que emerge como fragmento e dispersão. Destaco a antevisão que teve do impacto centrífugo na vida internacional da sublevação dos particularismos e de suas reivindicações de reconhecimento, tendo como ponto de partida a sua avaliação do que ocorreu no Irã de Khomeini com a queda do Xá – uma revolta desencadeadora da ressurreição política do islamismo fundamentalista. Menciono a acuidade da sua percepção de que a grande mutação em andamento na vida internacional, redutora da hegemonia do Ocidente, é a do ressurgir do que parecia petrificado no Japão, na China e na Índia, no mundo árabe e o potencial de seus distintos impactos para o sistema internacional. Aponto sua estimativa do reavivar dos sentimentos nacionalistas e religiosos que poderiam ser liberados com o fim da União Soviética.

Em síntese e para concluir, até mesmo para compreensão da política internacional, a que me dediquei na teoria e na prática, foi duradouro e fecundo o impacto da obra e da convivência com Octavio Paz.

